

Os retrospectivos sentidos da *Revista Vernáculo*

Rafael Faraco Benthien

Se a experiência na graduação assumiu para mim, de fato, o sentido de rito de passagem, de iniciação à atividade intelectual, isso só foi possível graças à descoberta do caráter coletivo dessa atividade. Era preciso aprender a pensar com e contra os colegas. Minha participação em atividades estudantis e no Programa Especial de Treinamento da UFPR, posto que organizados coletivamente, forneceu cenários particularmente propícios para isso. Mas tal experiência não teria sido a mesma sem a criação e a administração de um periódico científico como a *Revista Vernáculo*.

A iniciativa dessa revista partiu de Fernando Nicolazzi, hoje professor adjunto na UFRGS. Ele reuniu em meados de 1999 um pequeno grupo em torno da ideia, todos alunos do segundo e do terceiro anos do Curso de História da UFPR. A ideia era bastante simples e estava ligada à nossa percepção das exigências de uma carreira acadêmica: faltava uma arena pública para que os alunos de graduação pudessem também divulgar suas pesquisas. Com efeito, as revistas que conhecíamos só aceitavam contribuições de pós-graduandos. Era preciso, portanto, incentivar a escrita e a leitura, o que equivalia a nossos olhos a fomentar o debate.

Uma vez definido o público alvo, o formato e a periodicidade, partimos para tarefas práticas. Encontramos patrocínios, fechamos acordo com a gráfica da UFPR e preparamos um primeiro volume

com os nossos próprios textos. Tratava-se de um manifesto. A Revista veio a público em abril de 2000 e a esse volume inicial se seguiram, com minha participação, outros seis. Os aprendizados foram muitos. Enquanto editor, encarreguei-me da leitura dos textos e do encaminhamento de pareceres. Como não havia verba suficiente, atuei eventualmente como revisor ortográfico e diagramador. Foi também para a *Revista Vernáculo* que redigi meus primeiros artigos.

A revista conheceu considerável sucesso, persistindo por nove anos e recebendo contribuições de graduandos de todo o país e de vários cursos diferentes (historiadores, antropólogos, sociólogos e linguístas em formação). A equipe original, porém, desfez-se rápido. A maioria de seus membros saiu do Paraná para continuar os estudos, o que inviabilizava sua atuação constante. Além disso, outras pessoas estavam mais sintonizadas com os propósitos da publicação e era preciso dar espaço e oportunidades a elas. Enquanto estive à frente da revista, até 2004, ela conheceu editores, periodicidade e projeto gráfico novos. Anos mais tarde, por iniciativa dos continuadores do projeto, ela passou também a contar com um formato eletrônico*.

Quando avalio hoje a iniciativa da *Revista Vernáculo*, vejo-a como expressão do espírito daquele fim de milênio dentro das universidades públicas brasileiras. Afinal, os prognósticos eram então

* Veja-se: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/vernaculo/issue/archive>. Note-se também que, naqueles mesmo anos, até onde vai meu conhecimento, algo análogo só existia na USP, com a revista eletrônica *Klepsidra*.

os piores possíveis quanto à (im)possibilidade de viabilização de uma carreira ligada à pesquisa e à docência. Nada sinalizava para a expansão do sistema de ensino superior que ocorreria mais tarde. Além disso, a concorrência aumentava exponencialmente a cada ano. Teríamos espaço quando chegássemos lá, após nossos doutorados? Envolver-se com sua administração ou mesmo publicar algo nela era ao mesmo tempo a expressão de uma crença na Universidade e a procura, nesse ambiente repleto de incertezas, de algum emblema distintivo.